

Incêndio motivou sobrevivente a usar Caso Kiss na faculdade

Maike Adriel dos Santos ainda olha para a saída. O gesto é quase automático quando entra em uma festa, show ou ambiente com muita gente. Observa a sinalização, procura os extintores, avalia a lotação e identifica por onde poderia deixar o local em uma emergência. Aos 34 anos, o sobrevivente da Boate Kiss voltou a frequentar festas normalmente. O cuidado, porém, permaneceu como uma das marcas daquela madrugada.

Em 2013, Maike cursava Desenho Industrial em Santa Maria. Na noite de 27 de janeiro, foi à Kiss acompanhado de um grupo de amigas. Não estava particularmente animado: roqueiro, não gostava do repertório predominantemente sertanejo e estava com pouco dinheiro. Acabou aceitando o convite já que era aniversário de uma delas. Somente ele e uma das meninas sobreviveram ao incêndio.

Dentro da boate, ouviu alguém gritar “incêndio”, mas inicialmente imaginou que a fumaça fosse gelo seco. A dimensão do que ocorria ficou evidente quando a multidão começou a tentar deixar o local. Maike estava de mãos dadas com uma amiga, mas os dois se separaram em meio aos empurrões. Ela morreu. Ele perdeu a consciência e não se recorda de como conseguiu sair.



Maike Adriel dos Santos esteve no julgamento do caso e afirma que, aos 34 anos, voltou a frequentar festas, mas com cautela

Depois de acordar na calçada, foi levado ao hospital, passou por coma induzido e permaneceu semanas internado.

A experiência acabaria atravessando também sua formação. Maike concluiu Desenho Industrial e transformou a Kiss em objeto do Trabalho de Conclusão de Curso, no qual avaliou as condições de percepção da sinalização de segurança em ambientes edificadas. A pesquisa analisou especificamente a boate e ouviu outros 11 sobreviventes. O tra-

balho apontou uma sequência de falhas e ganhou repercussão nacional.

Hoje, Maike está formado, trabalha e continua morando em Santa Maria, cidade que nunca cogitou abandonar por causa da tragédia. Ele avalia que sobreviver modificou principalmente sua maneira de encarar problemas e decisões.

“As cicatrizes viraram medalhas, histórias. Então isso resume muito em resiliência”, afirma. “Me fez refletir muita

coisa sobre a vida e ter outras visões, outras perspectivas de direcionamento, de escolhas e decisões”, continua.

A recuperação da relação com ambientes fechados, entretanto, levou tempo. Maike conta que demorou cerca de dois anos para voltar a entrar em um local semelhante a uma casa noturna. Nos primeiros meses, até mesmo andar de ônibus era difícil pela sensação provocada pela aglomeração.

Com o passar dos anos, a

intensidade diminuiu. Hoje ele consegue sair e se sente confortável em festas, mas reconhece que determinadas situações continuam acionando uma espécie de alerta. Em eventos muito cheios, o desconforto pode reaparecer. “A gente nunca esquece um trauma”, resume.

O comportamento se manifesta nos pequenos detalhes. Ao entrar em um ambiente, Maike diz prestar atenção em placas de emergência, extintores, portas e quantidade de pessoas. Não precisa decidir conscientemente fazer isso: depois da Kiss, tornou-se parte da forma como observa os lugares.

É justamente essa atenção que ele gostaria de transmitir a quem cresceu depois de 2013. Para Maike, uma geração que era muito pequena ou sequer havia nascido na época precisa conhecer a tragédia, inclusive para distinguir informações corretas do conteúdo equivocado que circula nas redes sociais.

“Estudar sobre o caso, estudar sobre outros casos parecidos, para se informar, estar bem informado, com informações corretas”, defende. Para ele, conhecer previamente o local de uma festa ou de um grande evento e observar suas condições de segurança são cuidados simples que podem fazer diferença.

Hoje em Capão da Canoa, jovem que escapou da tragédia afirma não guardar mágoas sobre Santa Maria

Gustavo Cadore deixou Santa Maria, mas nem de perto para fugir dela. Viveu na cidade até 2020, mudou-se para Santa Cruz do Sul para cursar medicina e, atualmente, mora em Capão da Canoa, no Litoral Norte gaúcho. Ainda assim, retorna com frequência. Parte da família está em Santa Maria, assim como a namorada, e as lembranças que preserva do município não se resumem à madrugada que quase lhe tirou a vida.

“Não tenho mágoa de Santa Maria. Tenho boas recordações da cidade. Não é porque aconteceu uma coisa muito ruim que isso estragou a minha visão sobre tudo envolvendo ela”, afirma o sobrevivente da Boate Kiss, hoje com 35 anos.

Sua trajetória nos últimos 13 anos ajuda a dimensionar a distância entre aquele janeiro de 2013 e a vida atual. Depois do incêndio, Gustavo ficou em coma. Ao acordar, atividades elementares haviam se tornado desafios.

“Eu estava dependente para tudo. Não conseguia nem tomar um copo de água sozinho”, re-

corda. Nos primeiros dias, precisava de três ou quatro pessoas para ajudá-lo a sair da cama. Caminhava poucos passos antes de precisar retornar. “Via as pessoas caminhando e pensava: ‘Nossa, como elas conseguem? Parece tão fácil’.”

Na época da Kiss, Gustavo estava perto de concluir o doutorado em Medicina Veterinária, na área de Virologia. Faltavam cerca de 45 a 60 dias para a defesa da tese. A recuperação atrasou os planos, mas ele concluiu a formação e seguiu por um período na área. Anos depois, tomou uma decisão que mudaria sua trajetória: voltou à universidade para cursar medicina.

A vontade já existia antes do incêndio, mas Gustavo acredita que sobreviver tornou o desejo mais forte. Depois de ter recebido ajuda durante a própria recuperação, cresceu a vontade de trabalhar diretamente com outras pessoas. “Se eu conseguir ajudar uma pessoa que seja, já vale a pena. Para mim, já compensa tudo aquilo que vivi e tudo o que modifiquei na minha

vida”, complementa

A Kiss também mudou a maneira como ele encara escolhas. Gustavo diz ter passado a valorizar mais o presente e a perseguir projetos que poderiam permanecer apenas como vontade. “Acho que uma coisa só se torna impossível quando tu desiste. É algo que carrego comigo desde a época da tragédia”, diz.

O tempo amenizou parte das marcas - ainda que ele carregue cicatrizes físicas, mas não apagou comportamentos incorporados depois do incêndio. Sempre que entra em uma festa ou ambiente desconhecido, Gustavo procura identificar possíveis rotas de saída. Não precisa pensar conscientemente no que ocorreu em 2013: a avaliação acontece de forma involuntária.

Outras lembranças aparecem de maneira mais explícita. A proximidade de 27 de janeiro ainda faz com que episódios daquela época retornem. Uma experiência particularmente difícil ocorreu ao assistir à série da Netflix sobre a tragédia. “Quando vi a representação



Após a Kiss, Gustavo Cadore encontrou na medicina uma forma de ajudar outras pessoas

do início do incêndio, senti o coração acelerar e a ansiedade aumentar. Parecia que estava lá de novo”, conta.

No cotidiano, porém, Gustavo diz não viver permanentemente preso àquela noite. Até as cicatrizes das queimaduras nos braços foram incorporadas à própria imagem. Para ele, o passar dos anos trouxe conforto e algum alívio.

Quando pensa nos jovens

que não viveram 2013, Gustavo não escolhe como principal mensagem o medo de que outra tragédia aconteça. Prefere falar sobre aquilo que aprendeu quando acordou sem conseguir sequer beber um copo de água sozinho.

“Talvez o principal seja aproveitar a vida, porque a vida é um sopro”, afirma. “Passei a valorizar muito aquilo que tenho agora”, conclui.